

1

A Divisão da História de Portugal em Períodos

3

Definições de «Periodização» e de «Ciclo»

9

A ideia de **ciclo** serviu a **Lúcio de Azevedo** para periodizar a história económica de Portugal e a vários historiadores brasileiros, na sua esteira, para periodizarem a **história económico-social do Brasil**. ... Trata-se fundamentalmente de épocas sucessivas, cada uma das quais estruturada em volta de um núcleo que é constituído por um **produto dominante** arrastando todas as outras actividades.

10

A história económica brasileira poder-se-ia dividir nos seguintes ciclos: 1.º: Ciclo do pau-brasil, com os comércios anclares de **animais** e **algodão**, pré-colonial, até cerca de **1530**; 2.º Ciclo do açúcar, dominante na **2ª metade do século XVI** e no **XVII**, tendo como actividades anclares o **tabaco** e a **criação de gado**, esta última responsável pela penetração no sertão e a grande integradora da unidade nacional brasileira; 3.º Ciclo de mineração - do **ouro** e **diamantes** - que marca com o seu cunho o **século XVIII**; 4.º Ciclo do café, **séculos XIX** e **XX**, cedendo hoje o lugar à civilização industrial (Afonso Arinos de Melo Franco, *Síntese de História Económica do Brasil*, ... , 1938).

11

Convém reservar a designação de ciclo aos processos de recorrência em que o movimento se fecha, retornando ao estágio inicial, depois de percorrer sempre as mesmas fases. Por outro lado, **a estruturação da economia sob a dominância de um factor** (feixe de actividades ligadas a um produto ou pequeno conjunto de produtos interconexos) **só pode considerar-se modelo historicamente válido num reduzido número de casos**: precisamente os das **economias coloniais caracterizadas pela monocultura para exportação**; é o que em boa parte acontece no **Brasil** com a **sucessão pau brasil-açúcar-ouro-café**. Por isso mesmo há que integrá-los em noções operatórias de maior generalidade; esse seu carácter só se afirma porque fazem parte de totalidades mais vastas, não passam de aspectos regionais delas.

12

... que pensar razoavelmente de uma divisão da história de Portugal em períodos? **Herculano** situava uma **primeira cesura no último quartel do século XIII**; então, em começos do XIV parece haver realmente uma transformação. 1385 é certamente muito importante ... , mas a reconstituição de estruturas anteriores, embora vivificada por novos quadros, a persistência das crises e lutas leva a pensar se não seria melhor considerar um corte a meio de Quatrocentos, com a **inversão do trend económico** e os começos de repercussão na estrutura metropolitana da expansão ultramarina. ... A grande viragem parece situar-se a meio do século XVI ... , entre 1545 e 1550 A crise do imperialismo peninsular data de entre 1620 e 1630, quando **à subida longa de preços sucede a baixa** e diminuem sensacionalmente as chegadas de prata mexicano-peruana. A outra viragem para novo complexo histórico-geográfico é de 1670-1680, e conviria terminar esse período quando **o antigo regime entra em crise**, em **fins do século XVIII ou começos do XIX**, para chegarmos a alturas de 1870 e marcarmos nova cesura.

13

A Evolução dos Complexos Histórico-Geográficos

15

... o **sistema**, concepção doutrinária mais do que realidade social, mas que em força real se transforma sempre que os homens - ou pelo menos certos homens - dele tomam consciência: assim o feudalismo, o mercantilismo, o absolutismo, o liberalismo, o capitalismo, o socialismo. Convém ainda distinguir o **regime**, que é afinal a ordem jurídica (/16) ... , conjunto de normas compulsórias ligadas a sanções fixadas e aplicáveis por órgão socialmente diferenciado.

Até Ceuta A monarquia era agrária só no sentido em que os réditos do soberano, como os do clero e da nobreza, provinham da renda da terra. O modo de vida nacional é verdadeiramente a agricultura, e sê-lo-á ainda por longos séculos, no sentido de que **a esmagadora maioria da população activa nela se ocupa**, de que **o valor global da produção agrícola ultrapassa o dos outros recursos**, e de que **quase toda a população dela vive afinal**; mas os **vectores dinâmicos dessa economia** são a salicultura, a indústria da pesca e o comércio marítimo que **exporta** para a Flandres, Levante hispânico e Maghrebe o **sal**, o **peixe**, os **vinhos**, o **azeite**, as **frutas** ... , os **coiros**, a **cortiça**, a **grã**, **importando os cereais** nos anos de escassez, os **têxteis** flamengos e italianos, o **ferro** da Biscaya, as **madeiras** do Norte, a **prata** da Europa central e oriental, as **especiarias**, o **açúcar**.

... A **grande circulação interna** ventila-se por **64 feiras** ... , e corre, como aliás correrá durante longos séculos, pela **navegação** de cabotagem, pelas barcas fluviais e pelas réguas tocadas pelos recoveiros.

17

... Desde a revolução de 1383-85 e da tomada de Ceuta estrutura-se um outro complexo histórico-geográfico. Isso resulta da **regressão económica internacional** e do ambiente de **crise social** em toda a Europa, ligados à descida dos preços, à contração dos negócios, às dificuldades de mão-de-obra, instabilidade monetária, baixa real dos réditos da nobreza.

18

... Desde meados do século XIV, o **comércio** nacional enfrentava a rude concorrência dos estrangeiros mas mantinha-se com firmeza. ... Muitos dos nobres e cavaleiros e até fidalgos armam navios, arrematam estancos, investem em resgates, bem como em canaviais: **vai surgindo o cavaleiro-mercador**, enquanto também se constela o senhorio capitalista. **O Estado alicerça-se agora nos impostos gerais de compra e venda - as sisas, logo no comércio interno -, e crescentemente nas rendas aduaneiras - no comércio marítimo**. Geograficamente, este complexo abarca **Portugal**, os **arquipélagos**, o **Noroeste africano atlântico**. Tal **expansão** processa-se em torno do **ouro** sudanês - **caravelas contra caravanas** -, do **dinamismo açucareiro** que leva às plantações e engenhos, da necessidade de controlar mercados de **cereais** ou de crear outros, do apresamento ou resgate de **cativos** canários, azengues e negros para mão-de-obra, da busca de **cores** para a tinturaria, da multiplicação de **gado** (indústria e exportação de coiros).

Em fins do século XV, numa economia em expansão e em que o elemento monetário é cada vez mais importante, **começa a estruturar-se um novo complexo (/19) histórico-geográfico** em que o factor dinamicamente decisivo é o **trato das especiarias** e a **rota do Cabo**.

... Uma das características deste complexo é que põe em relação economias monetárias, como a dos Países Baixos, Portugal, Pérsia e Índia, com economias pré-monetárias como as africanas e as situadas a leste do meridiano que passa a meio do golfo de Bengala. **No reino a população aumenta apesar da emigração**, olivais e vinhas começam a propagar-se para satisfazer a nova procura, as indústrias do biscoito e da louça, dos tecidos também se desenvolvem pela mesma razão.

... porque assente nos estancos comerciais e nos direitos alfandegários, **o Estado desenvolve a burocracia e tende a tornar-se absoluto**. Uma boa parte do trato marítimo está todavia em mãos particulares e mesmo burguesas.

20

... Mas de 1545 a 1552 opera-se uma primeira viragem de estrutura.

abandono de várias praças e cidades marroquinas;

prosperidade renovada do tráfico caravaneiro;

... Os ingleses começam a frequentar regularmente as costas da África negra ocidental;

os portugueses, em retirada no Norte, transformam Angola em mercado de escravos.

O trato pelas rotas do Levante reanimou-se, concorrendo perigosamente com a rota do Cabo.

21

... em compensação, os portugueses desenvolvem o comércio com a China e travam relações regulares com o Japão da prata, a que levam a seda.

... o centro monetário situa-se agora em Espanha graças à prata mexicana e peruana ...

Lisboa e os seus negócios hipertrofiaram-se em comparação com outras cidades-portos, a média burguesia declina, os negócios estão na mão de poderosos capitalistas em face dos quais só há uma massa popular cuja miséria se agrava.

O ritmo açucareiro de São Tomé esfalfa-se.

Com o último quartel do século XVI, novas modificações. A hegemonia portuguesa na Malásia expira; ... Os tratos do Índico estão nas mãos dos banqueiros, os mercadores caem na sua dependência. Em Portugal mesmo, **recuo do capitalismo de Estado** ... : à exploração directa da rota do Cabo pela Coroa sucede a exploração pelas sociedades capitalistas **As especiarias vindas por essa rota reduzem-se; a parte das porcelanas, sedas, mobiliário de luxo da China e dos algodões e móveis da Índia aumenta. O recuo açucareiro de São Tomé começa, os portugueses abandonam a pesca do bacalhau, mas o Brasil ascende firmemente.**

De acordo com **Jaime Cortesão**, a economia portuguesa desenvolve-se agora sobretudo no palco do Atlântico.

O complexo histórico-geográfico seiscentista, atlântico pois, estrutura-se à base do sal de Setúbal e de Aveiro ... , do azeite e do vinho do reino, do vinho da Madeira, do açúcar do Brasil ... , dos escravos de Angola, da prata peruana obtida graças aos escravos, e da peruana e mexicana (trazida de Sevilha pelos navios holandeses que aí iam vender os têxteis e mercadorias do Norte e traziam as piastras Setúbal e Lisboa para pagar o sal; ou entrada pela raia terrestre em troca do açúcar, tabaco e pau-brasil); no litoral do Brasil apanha-se a baleia. Entretanto **os portos provinciais desenvolvem-se** enquanto os tráficos que hipertrofiavam a grande capital lisboeta definham - até o movimento se inverter.

22

A seguir à Restauração o Reino conta quase 2 milhões de habitantes.

... **A rota do Cabo fôra no século XVI a articulação essencial do império; é agora secundária ou mesmo de terceiro plano.** Os navios vindos da Índia fazem escala em portos brasileiros para completar a carga com açúcar e tabaco. À economia senhorial-capitalista do **açúcar** ... contrapõe-se a economia do **tabaco**, de pequenos proprietários de todas as sortes. Com o tabaco o Brasil compra os escravos no golfo da Guiné e Angola, e de Lisboa para o Oriente nas cargas cada vez se contam mais rolos dele. Mas do sertão vem um número crescente de **coiros vacaris** ... ; das Ilhas de Cabo Verde vêm também **coiros**, enquanto o seu **sal** segue para os países do Norte da Europa e para as Antilhas. **Os Açores são o celeiro da metrópole e da Madeira**, o seu **vinho** segue para as Antilhas e Brasil; é aqui a grande zona do contrabando e corso.

... O **carácter mercantilista do Estado** mantém-se mas renovado - o tabaco substitui as especiarias; o capital da coroa investe-se nas **companhias**. A riqueza fundiária pertence sobretudo à Igreja - um terço do reino - e à (/23) nobreza.

... Econômicamente **a nobreza depende do comércio oceânico**, mas entra nele porque detém a terra.

Quatro instituições de base, além do senhorio: **comendas, donatarias, morgadios** (estes tomaram forma na segunda metade do século XVI), **capelas**.

25

Finanças Públicas e Estrutura do Estado

27

... o **tributo** supõe ... que numa comunidade (res publica) se dê a separação do poder público face aos particulares (à coisa privada), que deste modo vêem diferenciar-se de si o príncipe, detentor dessa reipublicae potestas. Distinção do público e do privado, diferenciação entre comunidade e poder, relação de direito público entre este e aqueles que constituem aquela: eis os vectores cuja convergência [frei Pantaleão] **Rodrigues Pacheco** nos convida a considerar no nascimento da fazenda pública.

31

... O país é uma manta de retalhos variegadíssima, com **sobreposição e matização de condições de terras e indivíduos, em interferências por vezes (/32) até paradoxais**, manchas envolvendo-se e contornando-se, ponteadas de «ilhas» de condição diferente.

34

... as classificações que dividem os réditos régios em tributos públicos (/35) e rendas privadas, ou em impostos directos e indirectos afigura-se-nos que nos afastam da própria compreensão estrutural.

Os vários tipos de réditos régios:

- a. os réditos com origem na agricultura e no pastoreio;
- b. os réditos provenientes da circulação interna e do mercado;
- c. os réditos provenientes do comércio externo;
- d. as multas judiciais, ou calúmnias e coutos;
- e. réditos provenientes da actividade industrial;
- f. serviços prestados ao rei ou aos oficiais régios;
- g. jantar ou colheita;
- h. emissões de moeda.

O mais importante seria conhecer o peso relativo dos vários grupos de réditos.

...

139

A Viragem Mundial de 1517-1524 e o Império Português

141

O mundo está a mudar, por alturas de 1521.

Dois impérios nascem, nas duas extremidades do Mediterrâneo.

No Leste, o Otomano, que se apropriou sem dificuldade da herança de mameluco, em fins de 1516 e começos de 1517. ... transformava-se, pela força das cousas, em potência marítima temível.

142

Por outro lado, a **unificação de todos os países do Próximo Oriente** colocava sob uma direcção única meios de acção e poder até então inimaginado.

144

... Seja como for, em **1522** os Turcos apoderam-se de Belgrado, por um lado, e de Rodes, por outro. A potência otomana afirma-se no mediterrâneo levantino.

Na outra extremidade do mar Interior, Carlos Quinto, no mesmo momento, edifica outro império, não menos desmedido. **Diferença essencial: não é de uma peça só, e as suas ligações fundamentais apenas por mar se podem operar.** O âmago de um Estado é constituído pela **rede de comunicações internas.** As do império turco estão admiravelmente traçadas, são (/145) seguras, cómodas. ... Mas o império de Carlos Quinto vive graças a uma rede de comunicações no exterior das áreas que senhoreia, **carece de um núcleo central.** ... **Os problemas mais graves que terá de resolver derivarão desta configuração geográfica.** Ora, se bem que o seu sistema de circulação de sangue seja marítimo, não se trata de verdadeiro império marítimo como é o português, mas antes de um monstro terrestre.

146

... O grande foco industrial do Império situa-se ... na Flandres: os seus teares inundam os mercados atlânticos de toda a sorte de panos.

152

... No Oeste, Carlos Quinto reúne a Alemanha, a Flandres, o Franco-Condado, as Duas Sicílias, Milão, a Espanha e as Índias do Novo Mundo; a expedição de **Magalhães** modifica a sua posição em relação a Portugal, engendra novas questões na distribuição mundial de forças. **Lutero** levanta tempestades religiosas, políticas e sociais... A somar-se a este terramoto ... **cada um dos três grandes impérios parece atravessar uma crise de crescimento.** ... O império de **Carlos Quinto** sofre então o seu drama do ouro. Os **Portugueses** têm de enfrentar a revolta das cidades costeiras do golfo Pérsico e é-lhes infligida uma derrota naval nos mares da China; as dificuldades do Oriente português, que estalam em **1521**, só estarão definitivamente vencidas em **1524**, mas desde o ano precedente que a sua virulência (/153) se atenuara muito. **Em 1521 foram as colheitas piores se memória de homem,** e por isso Portugal, a Espanha e Marrocos padeceram terrível **escassez e carestia de pão;** nesse ano e no seguinte não se pôde pensar senão no problema do abastecimento, porque a **fome** grassava sem descanso e em breve se lhe juntou a **Peste**

Mas ... a economia do império português é sacudida por perturbações mais profundas, mesmo que não tão dramáticas.

São, em primeiro lugar, as remessas de prata alemã vindas por Antuérpia, base dos tratos da rota do Cabo, que a partir de 1521 diminuem durante alguns anos.

É, a partir do ano seguinte, a maré vazia do ouro da Mina, que também durará alguns anos.

Não obstante as recuperações posteriores, não se voltará à situação anterior à crise, e a **economia portuguesa tem de começar a atrair o ouro das Índias de Castela,** legalmente graças ao **fornecimento de escravos** pretos, mas também graças ao **contrabando** que as condições físicas do regresso do Novo Mundo favorecem singularmente (escala obrigatória nos Açores, arribadas pretensamente forçadas dos navios castelhanos aos portos portugueses metropolitanos).

... Apesar de tudo, **esta crise e tais perturbações de 1517-1524 não quebram a tendência de longa duração para a expansão económica e geográfica,** que prevalecerá ainda durante toda a primeira metade, ou até, aqui e além, os dois primeiros terços do século XVI.

155

A «Revolução dos Preços» e as Flutuações Económicas no Século XVI

157

«**Revolução dos preços**» - tabuleta com que se tornou corrente definir o século XVI.

Entenda-se uma **subida contínua,** teimosa, onnipotente, transbordando das cidades sobre os meios rurais, afectando tanto a vida de artífices e agricultores como de mercadores e senhores fundiários.

Trata-se de um movimento não registado em séculos anteriores. A historiografia tem-no relacionado com a **inundação de metal branco** do México e Perú.

158

§ Os portugueses de Quinhentos não deixaram de tomar consciência deste encapelar da vaga de preços. Por alturas de **1534,** ... **Garcia de Rêsende** nota na sua *Miscellanea*:

«Vemos o pão mais valer,

vemos tudo levantar,

mantimentos maus de achar,

oficiais, mercadores,

logreiros, alugadores,

tudo mui caro custar.

...»

159

... Que as consequências sociais da subida dos preços fossem de molde a levar o estado a intervir, ou, por outras palavras, que a tomada de consciência desse movimento fosse tão nítida que suscitasse actos políticos, eis o que já diz muito de tal revolução económica.

160

... Já em **1504** a concorrência entre mercadores provocara, com o afundamento dos preços, numerosas falências e semeava o pânico no mercado lisboeta (/161) das especiarias e drogas; **o Estado vira-se forçado a intervir, fixando os preços e o regime de vendas.** Dois anos depois chamava a si, isto é, à **Casa da Índia,** o **monopólio da venda por grosso** das especiarias e drogas importadas do Oriente, e estabelecia ao mesmo tempo, em seu proveito igualmente, o **quase-monopólio destas importações.** Durante todo o século XVI o Estado esforça-se por manter a rigidez dos preços de compra no Oriente quer dos de entrada na Casa da Índia ... , bem como dos de saída da Casa.